

Sumário

Artigos

- 7 A China como potência global emergente: vulnerabilidades, tensões e desafios**
Miguel Santos Neves

A emergência da China como potência global é uma das mudanças estruturais mais importantes do sistema internacional. O sucesso chinês tem revelado crescentes pontos de vulnerabilidade que poderão se constituir em pontos de estrangulamento para a sustentabilidade social e política futura do país. Os principais deles são a fragilidade do sistema financeiro, os imensos problemas ambientais, as crescentes assimetrias na distribuição de renda, o aumento do desemprego sem apoio num sistema de segurança social e o impasse do déficit de democratização. A tensão social e o descontentamento são alimentados por aqueles que menos se beneficiam do processo atual. Os ganhadores são a nova classe média emergente, que adota uma estratégia defensiva. Há importantes tensões a resolver: entre crescimento econômico e estabilidade social; entre a centralização política e a economia de mercado; e entre uma política externa mercantilista e os interesses sistêmicos da comunidade internacional.

- 23 Tentando compreender a China**
Amaury Porto de Oliveira

Apesar do grande sucesso, a experiência chinesa de edificação de um novo e poderoso país é cheia de riscos. É necessário alimentar 20% da população mundial com 7% das terras aráveis e a custo de uma enorme degradação ambiental e um colossal déficit energético, além da necessidade de criar 10 milhões de novos empregos por ano. O desafio central é fazer da China uma sociedade justa e afluyente. O PPC é a viga deste projeto e está em plena expansão, hierarquizado e disciplinado mas não monolítico, abrigando tendências que debatem entre si. A emergência de novos sistemas produtivos força a descentralização do poder político, mas o núcleo duro da economia estatal e o aparelho do partido-Estado seguem normas de construção “socialista”. A estratégia incorpora alta tecnologia, aumentando o valor adicionado das exportações; e o motor principal dos altos níveis de investimento é uma taxa de poupança interna equivalente à metade do PIB.

- 41 Os programas nucleares da Coreia do Norte, do Irã e suas consequências**
Marcos de Azambuja

Embora o fim da guerra fria tenha reduzido de forma drástica a possibilidade de uma confrontação nuclear catastrófica em escala global, o mau uso da energia atômica continua no alto da agenda internacional. A AIEA

sofre de severa atrofia. As negociações não são paritárias e universais, havendo dualidade entre os que têm e os que não têm, os que podem e os que não podem. As assimetrias e as desigualdades intrínsecas ao TNP têm enfraquecido sua eficácia e legitimidade, não obstante os seus aspectos positivos. As potências nucleares não têm cumprido seus compromissos para com a eliminação progressiva de seus arsenais, o que aumenta o descontentamento dos países não-nucleares. A aparente determinação do Irã em ser uma potência nuclear baseia-se no papel para o qual se sente legitimado na região, pelo ressentimento contra Israel e porque receia um ataque futuro desse país e dos EUA. Mas a turbulência do Oriente Médio, as paixões fundamentalistas e os interesses contraditórios das grandes potências podem transformar essa situação numa crise de grandes proporções.

47 A ascensão da supremacia nuclear dos Estados Unidos

Keir A. Lieber e Daryl G. Press

Pela primeira vez em mais de 50 anos os EUA ostentam uma grande supremacia nuclear mundial, podendo em breve ter a capacidade de destruir o arsenal nuclear da Rússia e da China de um só golpe. Essa capacidade tanto pode fazer a China mais cautelosa, como também tornar países fracos mais agressivos e provocar acidentes nucleares graves. A busca dessa superioridade parece intencional e consistente com a política declarada do governo norte-americano de expandir sua dominância global. Se Rússia, China e outros países nuclearizados trabalharem furiosamente para reduzir sua vulnerabilidade e adotarem políticas retaliatórias, o risco de uma guerra nuclear acidental aumentará muito. Mas se os EUA adotarem uma política externa mais contida e mais cética com relação às possibilidades de exportar sua democracia à força, o risco-benefício da supremacia nuclear se altera.

57 Economia argentina: situação e perspectivas

Aldo Ferrer

Na Argentina de hoje, os critérios do FMI e dos mercados financeiros deixaram de ser um fator determinante nas expectativas de evolução da economia nacional. Como o país não necessita refinar passivos nem colocar novas dívidas nos mercados internacionais, o risco-país não constitui atualmente um indicador relevante. O sistema bancário está normalizado e o Banco Central recuperou o exercício da política monetária, duplicando as reservas internacionais. E os principais indicadores sociais estão registrando recuperação progressiva. O investimento privado externo voltou a cumprir um papel importante no desenvolvimento argentino. Agora o desafio principal consiste em melhorar a “densidade nacional”, a saber, a coesão social seriamente danificada nos últimos trinta anos; e ser capaz de reiniciar um caminho de desenvolvimento com equidade.

69 Bush: entre um modesto legado ou legado nenhum

Carlos Eduardo Lins da Silva

A questão dos trabalhadores imigrantes ilegais tornou-se uma das mais importantes para aferir a funcionalidade do governo W. Bush. São mais de 12 milhões de claudes, fundamentais para a lógica econômica de amplos setores da economia dos EUA. O sentimento chauvinista, desencadeado pelo atentado de 11 de setembro, transfor-

81 Estamos mais seguros?

David Cole

mou a legítima preocupação por segurança em preconceito. Vários dos Estados começaram a negar a imigrantes ilegais e a seus familiares serviços básicos como escola e saúde, contrariando decisão da Suprema Corte. A Câmara aprovou a Lei de Proteção às Fronteiras, que patrocina a deportação; e o governo Bush, que tem compromissos políticos com imigrantes, não consegue mobilizar-se para aprovar a emenda Martinez, que suavizaria a Lei. Acresçam-se as dificuldades crescentes no Iraque e no Irã e tem-se um quadro do mais alto desprestígio de um governo desde a renúncia de Nixon.

A administração Bush proclamou vitória no Iraque em maio de 2004. Desde então mais de 2000 norte-americanos e dez vezes mais iraquianos morreram na guerra sem terem achado um artefato de destruição de massa. Bush afirma que conteve o terrorismo. O argumento central é que se está combatendo fora do país para não se ter que combater dentro dele. Como estratégia antiterrorista o resultado parece um desastre. O conflito no Iraque tem encorajado os terroristas e agrava a probabilidade de ataques dentro do território norte-americano. O terrorismo é descentralizado e globalizado, não podendo ser tratado por métodos convencionais. A agressividade da repressão interna não conseguiu prender um único militante ou célula do al-Qaeda ou desmontou um claro esquema de ataque nos EUA. Trata-se de um conjunto de medidas fora de moda com perigosas idéias novas que geram desconfiança nas Leis do país, abalam os Direitos Humanos e geram ressentimento nas comunidades Islâmicas que vivem nos EUA.

93 Soberania, Cosmopolitismo e o Direito Internacional dos Direitos Humanos (DIDH)

Guilherme Assis de Almeida

O Direito Internacional dos Direitos Humanos (DIDH) surgiu como resposta civilizatória de reafirmação dos direitos humanos no contexto histórico de dois eventos totalitários: os campos de concentração e o lançamento das bombas sobre Hiroshima e Nagasaki. Quando o indivíduo passa a adquirir a condição de sujeito da comunidade internacional, a estrutura do Direito Público sofre um abalo porque os Estados nacionais não podem mais se valer de sua soberania para justificar violações em seus territórios. Com o cosmopolitismo abre-se a possibilidade de estabelecer uma instância suplementar ao DIDH que ajude a resolver o impasse. A liberdade como geradora de poder só será capaz de surgir na existência de um espaço público internacional no qual seja possível um nível de comunicação isento de violência.

105 O Brasil diante dos limites planetários

Washington Novaes

Há elos profundos entre a degradação ambiental e o modelo de desenvolvimento; eles apontam caminhos para que o Brasil, com seu valioso e inigualável patrimônio natural, assuma a vanguarda dessas mudanças. O problema central da humanidade está nas mudanças climáticas provocadas pela insustentabilidade dos padrões atuais de produção e consumo, que já ultrapassam mais de 20% da capacidade de reposição da biosfera. Trata-se de traçar limites para a ação humana, sob pena de uma crise do próprio padrão civilizatório. O Brasil é o cam-

peão mundial de desmatamento em todos os biomas e, embora defenda propostas de contenção, não aceita discutir metas de redução numa convenção sobre florestas. Há o entendimento, na área militar e diplomática, que isso significaria uma perda de soberania na utilização de recursos naturais.

Documentos

- 119 A identidade nacional dos Estados Unidos: enfrentando o desafio latino**
Abraham F. Lowenthal

A tese central de Huntington é de que a identidade nacional dos EUA – forjada em torno da raça, da etnicidade, da ideologia e da cultura anglo-protestante – vêm sendo continuamente ameaçada pelas novas ondas de imigrantes provenientes da América Latina e da Ásia, em especial do México. Essa situação poderia levar o país a uma identidade bifurcada entre anglo-americanos e hispânicos, com graves riscos para o futuro do país. Lowenthal acha que, embora desinformada, pouco abalizada e nostálgica, a tese pode significar uma contribuição positiva caso possa ajudar os norte-americanos a tirar o melhor proveito possível da sua longa tradição cultural celebrada por Huntington.

Livros

- 123 História das guerras**
Demétrio Magnoli (org.)
Oliveiros S. Ferreira
- 129 O mito do progresso**
Gilberto Dupas
Paulo-Edgar Almeida Resende
- 134 The Final Test – A History of the Comprehensive Test-Ban Treaty Negotiation**
Jaap Ramaker
Carlos S. Duarte
- 140 Índia, Brasil e África do Sul: perspectivas e alianças**
Fábio Villares (org.)
Adalton César da L. Oliveira